

OS ENSINAMENTOS DA PANDEMIA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO EM MODELO REMOTO

Douglas Augusto de Santana

Raphaela da Silva e Souza

RESUMO: Com o advento da pandemia que se iniciou no ano de 2020, a educação foi pega desprevenida quanto aos procedimentos a serem adotados para a continuação das aulas em meio a uma crise de saúde mundial. Não apenas os alunos e professores foram afetados, mas o impacto se estendeu para a formação de novos professores a integrar o mercado de trabalho nos anos futuros. O seguinte trabalho deriva do desejo de discutir quais os ensinamentos que puderam ser tirados dessa situação atípica durante o período de estágio curricular obrigatório, como maneiras de se utilizar da tecnologia como fator mediador entre professor e aluno. Pretende-se também ocasionar a reflexão acerca de quais serão as mudanças em sala de aula, tanto em ensino básico quanto superior, advindas deste período de ensino remoto.

PALAVRAS-CHAVE: Pandemia; estágio curricular obrigatório; ensino fundamental II.

1. Introdução

A pandemia da COVID-19 que se iniciou no ano de 2020 forçou a educação a se reinventar para continuar as atividades de ensino quando a maior forma de evitar a disseminação do vírus é por meio do distanciamento social. Tendo em vista as circunstâncias de suspensão das aulas presenciais, um modelo de educação remota precisou ser adotado para dar continuidade às atividades escolares durante o período de alta contaminação pelo vírus. Deste modo, as aulas precisaram ser mantidas utilizando plataformas digitais como mediadoras na relação aluno e professor, à exemplo de Google Meet, Zoom, Skype, Google Classroom e Moodle.

Não apenas a educação básica como também a educação superior precisou se adaptar tecnologicamente ao período. A Universidade Estadual de Londrina precisou transferir alunos de 53 cursos de graduação e 132 programas de pós-graduação para o modelo emergencial de ensino remoto, de maneira que as atividades de formação não fossem prejudicadas pela situação. Assim, cursos de licenciatura receberam a orientação de prosseguir com o estágio curricular supervisionado obrigatório a ser desenvolvido também de maneira remota.

O objetivo deste trabalho é relatar as dificuldades encontradas ao desenvolver as atividades de estágio por meio do modelo emergencial remoto e propor reflexões acerca da formação de professores durante uma crise sanitária que impede os docentes em formação de entrar em sala de aula. Pretende-se também pensar em possibilidades futuras de conciliação da tecnologia e da educação no período pós-pandemia, buscando maneiras para que a tecnologia e plataformas adotadas emergencialmente poderiam ser associadas no retorno do ensino presencial.

2. A experiência de estágio remoto

O estágio curricular obrigatório é um momento de suma importância para cursos de licenciatura, visto que é o principal momento de elo entre a teoria adquirida durante as disciplinas do curso de graduação e a prática do dia a dia das salas de aula. Deste modo, o estágio curricular é o espaço em que o docente em formação reflete sobre a teoria e a incorpora na prática conforme as necessidades da sala de aula.

Ainda que o estágio em campo seja o momento real de atuação, a prática docente é pensada e questionada em todas as disciplinas do curso de licenciatura, visando a reflexão sobre a prática em sala de aula desde o início da formação docente de maneira que a aprendizagem acadêmica não se torne um locus descolado da prática, contudo, ainda que o fazer docente seja pensado na licenciatura de maneira longitudinal, o estágio não é destituído de sua importância, uma vez que abarca a parte ativa e experimental do curso. O estágio curricular representa, pois, o primeiro contato do docente com a realidade da sala de aula e é espaço de troca de experiências, entre aluno, docente em formação e professor orientados.

Para Bandeira & Reis:

A formação docente se dá muitas vezes pela prática em sala de aula, a partir da relação feita entre teoria e prática e na reflexão diária de seu exercício. Portanto, o estágio supervisionado pode contribuir diretamente no processo de formação dos educadores, pois através dele o futuro profissional tem a oportunidade de entrar em contato com sua área de atuação, refletindo sobre a sua prática, na busca de uma melhoria no processo de ensino-aprendizagem. (BANDEIRA & REIS, 2011, p. 9)

Em decorrência da pandemia, o estágio curricular como se conhece e teoriza precisou passar por modificações e se adaptar ao método emergencial de ensino remoto, desta forma, os desafios de um estágio tradicional, como a interação com o professor orientado e insegurança diante dos alunos, abriram espaço para a adição de questões inimagináveis nos estágios pré-pandemia.

O estágio curricular obrigatório referido neste artigo é o primeiro estágio programado para alunos da graduação em Letras Vernáculas e Clássicas na Universidade estadual de Londrina (UEL); nesse, alunos do terceiro ano de graduação atuam em turmas do ensino fundamental II cumprindo carga-horária de observação e regência. A primeira dificuldade enfrentada para a realização do estágio foi já no primeiro momento de busca por uma escola e um professor que pudesse receber estagiários durante o período pandêmico. Com a necessidade de adaptação, muitos professores ficaram receosos em receber estagiários visto que já enfrentavam o desafio de adaptar as práticas docentes para um cenário jamais visto anteriormente e, quando fomos capazes de encontrar uma escola que nos recebesse, as aulas acompanhadas pelos alunos eram apenas as pré-gravadas da plataforma AulaParaná, fazendo com que o nosso período de observação fosse cumprido sem contato algum com os alunos.

Tendo finalizado o período de observação, tivemos o primeiro semestre de 2021 reservado para regência, porém a dificuldade em encontrar um colégio disponível permaneceu e, com isso, a modalidade de aula simulada nos pareceu a mais acessível. Uma vez que decidida a modalidade passamos para a escolha de assuntos a serem abordados, o método da aula simulada ministrada para os colegas de estágio possibilitou uma maior liberdade na escolha de assuntos, uma vez que na modalidade presencial de estágio, por vezes, o professor que acompanha as atividades na escola direciona os estagiários a um assunto específico. Assim, inicialmente explorou-se uma quantidade de assuntos variados que poderiam se correlacionar apesar de não terem sido pensados em uma unidade, todos os temas trabalhados estavam em concordância como o Currículo da Rede Estadual Paranaense (CREP) e os conteúdos previstos para turmas de 7º ano.

Em um segundo momento, surgiu o desejo de montar um conjunto de aulas que dialogassem e culminassem em um trabalho final comum, deste modo, decidimos trabalhar com dois gêneros de uma mesma esfera textual. Segundo Marcuschi (2008), gêneros textuais “são entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação

comunicativa” e, por isso, acionam uma série de conhecimentos linguísticos que, a primeira vista, não se relacionam. Ainda segundo o autor:

Tudo o que estamos apontando neste momento deve-se ao fato de os eventos a que chamamos propriamente gêneros textuais serem artefatos linguísticos concretos. Esta circunstância ou característica dos gêneros torna-os, como já vimos, fenômenos bastante heterogêneos e por vezes híbridos em relação à forma e aos usos. Daí dizer-se que os gêneros são modelos comunicativos. (MARCHUSCHI, 2007)

Escolheu-se trabalhar com dois gêneros da esfera jornalística, notícia e resenha, e os temas trabalhados foram a linguagem adequada para cada um dos gêneros, a diferença entre fato e opinião e a estrutura dos gêneros. Ao fim da sequência de aulas, os alunos deveriam produzir uma notícia e uma resenha que, após passarem pelo processo de reescrita, seriam divulgadas para a comunidade escolar por meio de um blog criado de maneira a simular um jornal virtual.

Segundo Kleiman (2005), o letramento é um conjunto de práticas situadas que buscam relacionar a atividade escolar com o agir fora da sala de aula e “uma forma de reproduzir as características da prática situada na situação original no espaço da sala de aula” (2005, p. 38), deste modo, solicitou-se que a notícia produzida pelos alunos tivesse como temática um acontecimento do dia a dia deles em família ou até mesmo entre os colegas da escola. A socialização dessas produções também é fruto do pensamento dos projetos de letramento, uma vez que “ler e escrever não são práticas circunscritas à esfera escolar. Lemos e escrevemos para agir no (e sobre o) mundo” (KLEIMAN, CENICEROS & TINOCO, 2013, p. 74).

A proposta de socialização das atividades produzidas foi a responsável por levantar o questionamento da relação entre a sala de aula e a web que permeia todo esse artigo. Inicialmente, o desejo era propor o compartilhamento das notícias e resenhas por meio de folhetins que simulassem um jornal impresso, contudo, o consumo de notícias por via impressa tem se tornado quase obsoleto e os jornais eletrônicos tomaram o espaço no dia a dia da sociedade globalizada. Desta forma, um blog feito à moda de jornal virtual seria mais realista e faria mais sentido aos olhos de alunos que nasceram na sociedade tecnológica, além da vantagem de possibilitar que as produções não ficassem limitadas a um formato impresso que circularia nos limites da sala de aula.

3. A tecnologia como auxiliar ao ensino

A pandemia do coronavírus certamente pegou os professores, sejam de educação básica ou superior, de surpresa e exigiu uma série de adaptações para que as aulas fossem continuadas durante o período de isolamento. Ainda que o EAD não fosse novidade na educação brasileira, este era reservado quase que exclusivamente para o Ensino Superior e só figurava na Educação Básica como complemento para os aprendizados em sala de aula (PASINI, CARVALHO & ALMEIDA, 2020), deste modo, não é exagero afirmar que os professores não estavam preparados porque, na realidade, nunca pensaram a prática escolar como uma situação mediada pela tecnologia.

Uma vez que o ensino presencial é regra na Educação Básica, cursos de licenciatura o tomam como base para a formulação das disciplinas que integram seu currículo, no entanto, “em tempos de pandemia, a criação de ambientes virtuais destinados a práticas de comunicação, leitura, escrita e aprendizado transcende a pedagogia tal como foi pensada tradicionalmente” (SAMPAIO, 2020) e exigem do professor uma nova postura diante de novas práticas mediadas pela tecnologia. Quando enfim o ensino presencial voltar a ser realidade, o processo ainda ocorrerá paulatinamente se tornando um “entrelugar” do remoto e presencial.

A tecnologia durante as medidas emergenciais de ensino é utilizada como mero acessório para a transposição das metodologias expositivas do presencial, contudo, questionamos se não é o momento de repensar o papel da tecnologia para que, futuramente, ela possa integrar o ensino presencial não como acessório, mas como elemento de aprendizagem digital com metodologias pensadas para atenderem as peculiaridades e exigências de um ambiente de ensino digital, uma vez que, segundo Moreira, Henriques & Barros,

É necessário conhecer os softwares, perceber o que se pretende com a sua utilização do ponto de vista pedagógico e perceber se o recurso é o mais adequado para o efeito, porque na realidade o simples uso de interfaces digitais não garante, só por si, avanços ou inovações nas práticas educativas. (MOREIRA, HENRIQUES & BARROS, 2020, p. 355)

Deste modo, o centro do nosso questionamento reside na possibilidade de inserção de uma matéria no currículo das licenciaturas que vise a reflexão acerca do papel da tecnologia no

ensino, visto que nos encaminhamos para um mundo cada vez mais globalizado e tecnológico. Não apenas como uma facilitadora, a tecnologia pode funcionar também como motivadora para alunos que nasceram na era tecnológica e permanecem conectados em todas as horas de seus dias, assim, a web se tornaria um espaço colaborativo de ensino e aprendizagem confortável para os discentes.

A estratégia didática em que se assenta o desenvolvimento da e-atividade, deverá apontar no sentido de conseguir que um grupo seja uma verdadeira comunidade virtual de aprendizagem interativa, colaborativa e investigativa. Deve-se, pois, em salas de aula virtuais, socializar o grupo, induzir e moderar a negociação e a partilha de ideias, facilitar o acesso à informação e ao conhecimento e auxiliar no processo de investigação e desenvolvimento do pensamento crítico. (MOREIRA, HENRIQUES & BARROS, 2020, p. 360)

Metodologias que foram adotadas como medida emergencial durante a pandemia, como a escrita colaborativa na plataforma do Google Docs, a gravação de podcasts e o contato com os alunos pelo Google Classroom, podem ser levadas para o ensino presencial visando a criação de um espaço comum de conhecimento procurando desvincular para os alunos a ideia de web como espaço de diversão e sala de aula como obrigação.

A situação de pandemia e o estágio remoto evidenciaram a necessidade de trazer a tecnologia para dentro da sala da educação básica não apenas como apoio e sim como elemento essencial de metodologias combinadas que não priorizam o tradicional ou o tecnológico, mas sim os combinam para a criação de um ambiente inovador de ensino-aprendizagem. Como ressaltam Lucena, Santos & Mota:

É importante destacar que não se trata de colocar os dispositivos móveis enquanto a salvação para a educação, mas fazer uso de suas possibilidades interativas e colaborativas, as quais permitem aprendizagens múltiplas, a partir dos encaminhamentos direcionados pelos docentes, uma vez que estes têm papel fundamental para que haja uma imersão potencializadora de novos conhecimentos. (LUCENA, SANTOS & MOTA, 2020, p. 323)

Em consequência, evidenciaram também a necessidade de levantar tal discussão em cursos de formação de professores; com a tendência de aumento do papel da web na nossa vida não há motivos para não se questionar o papel dela também em sala de aula, professores de um

mundo globalizado devem ser capazes de pensar criticamente o trabalho de ensino em conjunto com a tecnologia, bem como fazer uso de metodologias que a considerem ativamente.

4. Considerações finais

A crise sanitária causada pela pandemia do coronavírus forçou uma série alterações no processo de formação de professores e, embora não tenha sido a experiência ideal de estágio visto que não entramos em sala de aula e não tivemos contato com alunos, o processo de estágio foi muito importante para a reflexão do papel do docente e da tecnologia nas práticas de ensino.

Como observado no primeiro período de estágio em que acompanhamos uma professora no processo de adaptação às aulas remotas, os cursos de formação de professores, por vezes, ainda se mostram muito tradicionais e apresentam uma defasagem em relação aos avanços da sociedade tecnológica. Deste modo, este processo de adaptação se deu de maneira mais sofrida do que seria necessário caso a discussão acerca da tecnologia em sala de aula e nas metodologias de ensino fosse levantada ao longo das disciplinas do curso de licenciatura.

Podemos afirmar, então, que o processo de regência simulada em período remoto dependendo totalmente da mediação da tecnologia, cumpriu o papel de experiência complementar a nossa formação, uma vez que trouxe uma situação peculiar que nos forçou a repensar e adaptar todas as metodologias discutidas nas disciplinas do curso, bem como formular novas que atendessem às necessidades de uma aula online.

O processo levantou também a reflexão acerca da necessidade de articular ensino e tecnologia nas aulas presenciais, já que o mundo – e os discentes – se atualizam cada vez mais no campo tecnológico e a educação deve acompanhar tais mudanças de modo a cumprir seu objetivo de formar indivíduos críticos e ativos socialmente.

Referências:

BANDEIRA, Elizabeth Rosa; REIS, Marlene Barbosa de Freitas. Estágio supervisionado e prática pedagógica: uma relação controversa. *In: ANAIS DO I SEMINÁRIO SOBRE DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA*. Universidade Estadual de Goiás, 2011.

KLEIMAN, Angela B.; CENICEROS, Rosana Cunha; TINOCO, Glícia Azevedo. Projetos de letramento no ensino médio. *In*: BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. (org.) **Múltiplas linguagens para o ensino médio**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

KLEIMAN, Angela B. **Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e escrever?** Campinas: CEFIEL/UNICAMP, 2005. (Coleção Linguagem e Letramento em foco).

LUCENA, Simone; SANTOS, Sandra Virgínia Correia de Andrade; MOTA, Gersivalda Mendonça da. Formação continuada de professores com as tecnologias móveis digitais. **Educ. Foco**, Juiz de Fora, v. 25, n. 2, p. 315-338, 2020.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais**: definição e funcionalidade *In*: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MOREIRA, José Antônio Marques; HENRIQUES, Suzana; BARROS, Daniela. Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia. **Dialogia**, São Paulo, n. 34, p. 351-364, 2020.

PASINI, Carlos Giovanni Delevati; CARVALHO, Élvio de; ALMEIDA, Lucy Hellen Coutinho. A educação híbrida em tempos de pandemia: algumas considerações. **Observatório Socioeconômico da COVID-19**, 2020.

SAMPAIO, Renata Maurício. Práticas de ensino e letramentos em tempos de pandemia da COVID-19. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 7, 2020.